

(Entrevistado) Gildeberto de Souza Rangel: A gente tinha muito contato na hora do almoço que você tinha de passar no meio de um local. O restaurante era diferente também, era separado. Mas a gente tinha um contato assim, não muito próximo, mas próximo. Aí não sei se foi isso também que eu peguei essa doença lá, uns dizem que sim, mas a minha família tem propensão à tuberculose.

Entrevistador: À tuberculose...

Gildeberto de Souza Rangel: Tem. Meu pai também foi doente tuberculoso, esse meu irmão foi pra... Também ficou doente, entendeu? Tenho outros irmãos também, então isso aí...

Entrevistador: Isso em que época mais ou menos?

Gildeberto de Souza Rangel: Isso aí foi em sessenta... Não, to falando da época militar.

Entrevistador: Sim, isso.

Gildeberto de Souza Rangel: Foi (19)63.

Entrevistador: Sessenta e três...

Gildeberto de Souza Rangel: É, 63. Mas eu não fiquei doente naquela época não.

Entrevistador: Não ficou?

Gildeberto de Souza Rangel: Não, não. Saí normal, não tinha nada... Aí com o tempo, as coisas vão... Nesse tempo todo, isso aí, o meu pai ficou doente também entendeu? O outro meu irmão ficou doente de tuberculose em Itatiaia. Uns quatro ou cinco pessoas na família. Aí vim embora pra São Paulo. Fiquei aqui em São Paulo, trabalhei em São Paulo e tal, aí me casei em 68. Aqui em São José já, aí já tava em São José em 68. Aí eu... Em 68 me casei, e fui morar em Biritiba Mirim, aí perto de Salesópolis, sabe? Uma cidadezinha ali. Aí voltei em 70,71, aí fixei residência em São José, aí nunca mais saí daqui, em 71. Aí fui trabalhar na Eaton. Em 71 entrei na Eaton. Em 76, dia doze, se eu não me engano... Doze do seis em 71 eu entrei na Eaton, 71. Em 76 eu saí da Eaton. Aí começou a doença do sanatório, aí começou essa época do sanatório aqui. Aí o que que aconteceu, em 76 eu fui... Andava muito doente, muito magro, não tinha vontade de comer, entendeu? Até tem o jogo da União Soviética e Brasil, eu deitado no sofá, eu estava sem um ânimo nenhum. A mulher falou "Não, você tá tão desanimado e não sei que", "Ah, sei lá o que que eu tenho, não tenho" Não sei, que eu tinha saído da firma, então a gente pensa que é estresse, aquele, entendeu? Aquele negócio todo. Aí eu falei "Caramba", mas eu falei "Tenho que me virar, não vou ficar nessa vidinha aí". Aí eu fui fazer uma ficha na época, na firma que depois começou com a Embraer. Cheguei lá nessa firma, fiz teste do almoxarifado, falou "Ó, você pode começar nessa semana, mas você tem que tirar a carteira de saúde". Porque naquela nossa época, essa época antiga... O Brasil não evolui muito em certos pontos não. A abreugrafia era obrigatória. Todo o operário era obrigado uma vez por ano a tirar a abreugrafia, justamente por causa da doença da tuberculose.

Entrevistador: Sim...

Gildeberto de Souza Rangel: Era disseminada, então tinha muita doença. Aí, quando eu fui lá tirar, é doutor Jorge Zarur, onde tem essa avenida, era o médico, doutor Jorge Zarur. Doutor Jorge Zarur era um pneumologista. Aí o que que ele, eu fui lá, então falei “Bom, eu vou começar a trabalhar to indo lá tirar a carteira de saúde.” Aí tirei as dez horas da manhã, fui lá, tirei a carteira e tal, tirou a abreugrafia e tal, falou “Ó, as quinze horas você vem buscar o resultado.” Aí eu cheguei pra pegar o resultado, a minha tava separada, a moça falou “Ó, a sua ta separada, não sei se errou, se alguma coisa ta errada aí e tal, se a máquina também, né, deu algum problema, vamos tirar de novo”. Aí doutor Jorge, um baixinho, Jorge Zarur chegou, olhou, falou assim pra mim “Gildeberto, o senhor...” Colocou naquele, um troço lá, um quadro com uma lâmpada, aparece o pulmão, tudo direitinho, bonitinho.

Entrevistador: A chapa.

Gildeberto de Souza Rangel: É, tava enfumaçado o pulmão esquerdo, daqueles cheios de fumaça, e falou “Você não fuma nem nada, né?” Eu falei “Não, não, eu não fumo nada.” Ele falou “Olha, você tá tuberculoso. Você tem uma infiltração no pulmão esquerdo aqui, ó. Essa risca que vem até aqui embaixo, essa ai é a infiltração, entendeu?” Aí eu falei “E aí?”. Ele falou “Aí, que você vai ser internado no Vicentina Aranha.”

Entrevistador: Nossa, Mãe...

Gildeberto de Souza Rangel: Isso aí foi 15 horas. Já tinha dado quatro horas da tarde, eu tava lá ainda. Aí falou “E a sua casa, tem uma ventilação boa?” Falei “Ah, minha casa é normal né, tem janela, tem porta, tem tudo, dá ventilação.” “Mas você tem criança?” “Tenho, tenho duas meninas pequenas”. “Então, vamos tratar no Vicentina Aranha”. Aí, tal, fez a documentação toda, entendeu? Arrumou toda a documentação, eu peguei, falou “Olha, não precisa nem ir na sua casa, depois, de lá, a moça, a assistente social vai telefonar pra sua casa, se precisar de alguma coisa, ela vai entrar em contato com a sua mulher lá”. Rapaz, eu fui no... Cara, eu pensei que eu tivesse indo no Putim, “Fui preso!” Aquele puta Vicentina Aranha, só tinha tuberculoso.

Entrevistador: Mas o senhor já tinha ouvido falar...?

Gildeberto de Souza Rangel: Do Vicentina Aranha? Sim, a gente passava lá... É o estilo, até hoje aquele estilo não mudou. Aquele estilo dele é aquele mesmo, só tinha mais bambu do lado da entrada principal ali, eles cortaram os bambus, tinha bastante! Era mais bambu em volta ali, era bastante bambuzeiro.

Entrevistador: E aí como que era a fama? Assim, porque a gente sabe que...

Gildeberto de Souza Rangel: A fama era a mesma coisa do HIV.

Entrevistador: É, é a mesma coisa do HIV. Tinha um certo preconceito...

Gildeberto de Souza Rangel: Ah, muito preconceito! Olha, pra você ter uma ideia, esse preconceito, não tanto aqui em São José, você não via, mas já foi em 76, já tinha

estreptomomicina, já tinha hidrazida, já tinha o etambutol. Esses três remédios é que salvaram a pátria, entendeu?

Entrevistador: Sim, trataram...

Gilberto de Souza Rangel: É, o tratamento... Agora, anteriormente lá no sanatório, lá no militar, aquilo ali era só mesmo repouso que você fazia, e vinham os militares. Eles tinham... Como era a época pós a segunda guerra mundial, 45 né? Eles parecem que tinham um convênio com os americanos e vinha estreptomomicina só pra eles.

Entrevistador: Ah, só pros militares.

Gilberto de Souza Rangel: Só pra eles. Então, entendeu? O civil, o SUS no caso... Naquela época não era SUS, era outro nome que dava, não tinha esse tratamento. Não tinha o tratamento. Mas não era assim também uma coisa que era... O remédio vinha com abundância não, entendeu? Era muito difícil, então no sanatório militar lá de Itatiaia era muito diferente desse estilo de vida. Lá era como se fosse um abandonado mesmo. Lá era um campo de concentração, pode-se dizer. Porque era uma tristeza medonha, os trens que chegavam de... Por exemplo, a primeira região militar é o Rio, a segunda região militar é São Paulo, a terceira região militar é Minas Gerais, a quarta era Porto Alegre. As regiões, todas as regiões, os tuberculosos vinham só pra Itatiaia, então tinha um dia do mês que eles reuniam só militares do Sul; Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul, vinham todos pro sanatório: Aquela choradeira, aquela gritaria, olha, é um negócio terrível, certo? Porque o trem que vinha trazer era só tuberculoso. O trem, a classe era só pra tuberculosos, não podia misturar com ninguém. E chegavam lá, as ambulâncias encostavam igual fosse tirar gado do caminhão pra ninguém sair fora, fugir dali. Abria a porta, a ambulância abria a porta e vinha bem de ré, que os soldados entravam com os cassetetes lá punham tudo pra dentro da ambulância, fechava uma, ia embora, vinha outra, era assim. Quando chega lá no sanatório, soltavam os soldados, (?). De lá é que iam se virar, onde que iam arrumar alojamento, onde ia arrumar pra dormir, ia dar pros pijamas. Olha, era uma coisa terrível, certo?

Entrevistador: E como era pra cidade ali, de Itatiaia, conviver com... Ou ninguém sabia?

Gilberto de Souza Rangel: Nossa, Mãe! Todo mundo tinha medo. As mulheres, e naquela época tinha muita... Bordel, zona, tinha lá zona. Então os caras melhoravam um pouquinho, já dava... Ta vendo, porque eram novos, são caras novos, os caras, 20 anos, 22 anos, então quando começavam a tomar um pouquinho o remédio já dava uma melhoradinha. Uma melhoradinha mentirosa, mas dava. Aí já queria sair dali atrás da mulherada. Então iam tudo pra aqueles bordéus que tinham ali. Então aquilo é tudo contaminado, as mulheres... Contaminava todo mundo ali, entendeu? A cidade... Era uma época, rapaz, que a gente analisava bem, mas tinha gente, tinha mulher, isso foi mulher, que queria uma vida melhor, o que que acontecia? Casavam com os militares de patente. Um por exemplo já era tenente, o outro era capitão. Então arrumava o namorado e se casaram em Itatiaia, tudo, entendeu? Mas houve... Muitos morreram, a maioria morreu, e ela ficava viúva, e ela pegava todo o salário. Então, era uma sociedade... Os bares, por exemplo, eram perigosos. A gente não ia pro bar porque tomava tudo do mesmo copo, entendeu? E tinha gente que, doente

tuberculoso, que era maldoso. Chupava uma bala, embrulhava e dava pra uma criança. Tinha isso, acontecia muito. Quer dizer, “eu fiquei doente, porque alguém não pode ficar?” Então é a maldade, isso existiu, muito disso, em Itatiaia. Aqui não, aqui foi muito diferente, entendeu?

Entrevistador: Sei... De Itatiaia, o senhor tinha alguma ideia dessas... Por exemplo, de Campos do Jordão e São José que eram cidades estâncias de tuberculose?

Gilberto de Souza Rangel: Não, eu não. Eu não tinha.

Entrevistador: Não ouvia falar...?

Gilberto de Souza Rangel: Não, não, não. Campos do Jordão, sim.

Entrevistador: Campos do Jordão, sim.

Gilberto de Souza Rangel: Campos do Jordão, sim, porque o clima de Campos do Jordão é muito idêntico a de Itatiaia. Porque Itatiaia é na serra, um parque nacional, e o sanatório um pouco abaixo do parque nacional. Então tinha o... Campos do Jordão já era uma cidade só de tuberculose que (?).

Entrevistador: Que tinha uma certa fama ali...

Gilberto de Souza Rangel: É... Agora, aqui não, essa região aqui era mais... Como se doméstico.

Entrevistador: Sim, mais doméstico.

Gilberto de Souza Rangel: É, tinha muitas pensões, esses negócios ai. Mas não eram igual, não tinha essa fama no Estado do Rio não. A fama mesmo era o sanatório militar, entendeu? Agora, então, daí de 76, tava comentando, eu fui pro sanatório. Cheguei lá no sanatório do Vicentina Aranha, eram mais ou menos oito horas da noite. Aí lá quem atendia era um guarda lá, era um funcionário. Bati na porta, aquela (?) portona, feia que doía, mas tava entrando no inferno, mesma coisa. Bati lá, o cara veio lá, falou pra mim “Que que é?”, falei “Ó, eu to aqui com essa papelada do INSS aí, dentro de um envelope pardo, ta tudo ai ó, mandaram ficar aí.” Aí o cara “Ah, pois não, vou falar lá com a Dona...” naquela época era a Dona Urânia (?), que era Diretora Geral, e Maria Scapel (?) que era da parte de enfermagem. Mas ela não estava lá, porque era noite, o horário dela é horário normal, da Scapel. Aí outro lá me atendeu, falou “Olha, pois não?”, viu a documentação, “Ah, tudo bem, vamos então pra ala”. Aí fui pra uma ala. Cheguei lá, vi aquela... Parecia uma orquestra de Beethoven, um tossia de um jeito, outro tossia do outro, a noite inteira aquela tosse... Falei “Ah, prefiro parar num lugar...” E eu não tava tão ruim assim, a minha infiltração foi na realidade, eu não tinha exame de bacilo, não constatou assim, por exemplo, como muitos lá tinham bacilo mesmo, tinha de fazer exame de escarro, por exemplo, o meu não dava nada. Eu fiz exame de... Gástrico, não deu nada, porque tem muitos que, às vezes... A gente fazia o exame gástrico, e entrava uma sonda pelo nariz, ia no estômago, e com a ampola, como é que chama? A seringa. Puxava o gástrico, o suco gástrico. Aí fazia o exame, se tinha. Porque muita gente às vezes o bacilo escondia, entendeu? Não saia no escarro porque não tinha nada no nariz, não tinha nada, e não tinha essa

secreção. Eu... Não deu nada, nesse ponto não deu nada. Aí eu fiquei na época, fiquei seis meses internado.

Entrevistador: Seis meses...

Gildeberto de Souza Rangel: Seis meses internado. E tive também, um dia, tava até bem até por sinal, e passei mal, sabe. Por que? Porque... To falando dos bambus, tinha muito bambuzeiro ali em volta, e tinha um pessoal lá que gostava de pegar uns gambás ali, sabe, tinha muito gambá. Então... O cara falou “Vamos correr atrás de um gambá que tem ali pra gente pegar.” E rapaz, eu falei “Vamos embora.” E depois que eu corri um pouco, eu tava fora de forma e tudo, lógico, só deitado, eu senti um gosto assim na boca, assim de sangue, sabe. Aí... Porque lá é o seguinte, qualquer coisa de sangue, que você tivesse algum indício qualquer, você já tinha de comunicar com a enfermagem principal lá, porque você já tinha logo de (?) uma vitamina K, porque a vitamina K coagula o sangue. Não deixa sair... Mas aí fiquei só por causa daquele raio do gambá e um pouco de sangue que saiu eu fiquei uma semana sem sair da cama.

Entrevistador: Nossa...

Gildeberto de Souza Rangel: Só tomando direto uma vitamina K, entendeu? E os três remédios, etambutol, hidrazida, estreptomicina era todo dia. Estreptomicina é igual a penicilina, quase igual, o estilo é o mesmo, só que é mais cristalina. A penicilina é cor assim, de um trigo, já o outro não, é bem cristalina, e ela ficava gelada também. Mas então dava injeção, todo dia o corpo ficava... Essa parte aqui, cara, ficava dura que às vezes a agulha não entrava, ela batia e dobrava assim ó.

Entrevistador: Nossa, o músculo ficava (?).

Gildeberto de Souza Rangel: Porque ficava... Eu sempre dava aquela retração, normal, e o músculo fica mais rígido, então era... A enfermeira não gostava. Ficava tranquilo, mas você ficava tranquilo, mas o negócio aqui tava tão duro, que não... Era uma época de bate na madeira. Você não sentia nem a agulha entrar direito. Às vezes já tinha dado e tal, você tava pensando que não tinha furado ainda. Agora, a vida lá dentro era uma vida... Eu não achei assim uma vida tão ruim, certo? Eu vou falar, porque eu presenciei aquele sanatório militar, e esse sanatório do Vicentina Aranha era um lugar espetacular, muito espetacular, comparando com aquele. Porque aqui o pessoal era mais dado. Militar não, militar sabe como é que é, não tá nem aí. Se você ta passando mal é problema seu. Aqui não, as enfermeiras cuidavam melhor, entendeu? Agora, é aquele negócio, morte tinha todo dia. Tinha gente que, por exemplo, jogando truco ou dominó gritou. Isso eu vi. Porque na realidade a tuberculose é interessante, aquilo ali, por exemplo, como são partes vitais, o pulmão, o bacilo vai comendo, e enquanto ele não, ele pode atacar uma veia principal no coração e o pulmão, e chama de hemoptise, que é o nome que... Aí você começa a soltar sangue pela boca e não para mais. Aí não tem jeito de nada, fazer mais nada. Não tem jeito de acudir, você vai engolindo sangue, e aquilo chegou a situação irreversível mesmo, entendeu? Morria muita gente assim também, e isso aqui no Vicentina Aranha, morria muita gente. Inclusive isso eu presenciei, um gritou assim “Truco” numa brincadeira de jogo, e ele fez um exercício muito brusco, daí ele deu uma tosse, e quando ele deu tosse veio aquele vômito, aquele vômito de sangue pela boca, entendeu? Então era muito assim, você ficava numa situação, entendeu?

Quando você via um negócio desse, “caramba, que bom, to conversando como a gente tá...”

Entrevistador: Uhum, tinha um...

Gilberto de Souza Rangel: Como nós três estamos conversando aqui, mas nós três estávamos doente, ninguém sabia onde estava ali, o problema onde que estava realmente ali. Se estava bem longe de uma veia principal, se não estava...

Entrevistador: Sim, qualquer hora podia...

Gilberto de Souza Rangel: Podia acontecer, entendeu? Não acontecia sempre, lógico, mas... Agora, existia o segundo andar que era... Irrecuperáveis, que a pessoa vivia somente no (?) oxigênio. Isso no segundo andar, pessoa já que não... Entendeu? Essa história não é história, é verídico realmente que existia lá dentro. E até interessante que eu gostava muito de ver, eu lia muito a vida de padre Rodolfo Komórek. E o padre Rodolfo Komórek, ele esteve internado no Vicentina Aranha. E na época, que eu sou católico, fui seminarista muitos anos, sabe. Aí, era ali onde é o banco, hoje é o banco Santander, ali na Avenida João Guilhermino, ali então era a casa do Padre Rodolfo, (?) depois mudou ali pra cima, ali pra... Tem a Avenida São João né...

Entrevistador: Ah sim, isso.

Gilberto de Souza Rangel: Né, ali. E tinha... Eu ia ali sempre fazer uma visita e tal, entendeu? E tem casos, existem casos verídicos, que até interessante que tinha um cantor, um cantor que ele foi fazer um... Essa recuperação dos Estados Unidos, um brasileiro. Mas lá também não adiantou nada, ele voltou pro Brasil, ai ficou internado no Vicentina Aranha, e ele tava em estado terminal também, ficou em estado terminal. Aí parece que a quinta feira no dia de visita, ele queria que o pessoal da janela lá, você vê tudo ali lá embaixo, vê tudo tranquilo, vê até lá as avenidas, tudo ali. E ele esperando a esposa dele chegar, e a esposa dele veio com o amigo dele, pegou uma carona de São Paulo e veio. E ele pensou que a mulher dele traía, o traía com esse cara. Você vê, quer dizer, um estado terminal. O que que aconteceu com ele? Na hora de entrar, que era quinze horas, pro pessoal entrar pra fazer a visita, ele escreveu uma carta, que não esperava aquilo dela, um monte de troço lá e tal, e desligou o aparelho e se matou. Existem casos, muitas coisas, entendeu? Que...

Entrevistador: Olha isso.

Gilberto de Souza Rangel: No Vicentina Aranha tem muitos casos assim também, casos assim de pessoas naquela situação de desespero. Conheci um Aparício (?) que, eu conheci realmente esse Aparício, ele fez... Ele foi com doze anos se eu não me engano, com doze anos ele foi pro sanatório Vicentina Aranha. Tava com 52 morando ali. E fizeram um buraco aqui nas costas dele ali, por ali fazia uns curativos do pulmão. Era uma doença terrível, certo? Era uma doença que... Olha, aqui em São José eu via no Vicentina Aranha coisas que a gente... A vida vai ensinando, ensina a gente como quer. Mas era um hospital de primeira linha, sabe, a comida era muito boa... Doutor Fumio Tiba (?), que foi meu médico de pulmão, doutor Fumio. Ele dizia assim... Aliás, o primeiro mês que eu passei com ele, ele me falou assim “Você tá gostando daqui?”,

falei “Tô, to gostando”, “Ah, ótimo, então já é bom negócio, tá gostando, tá bom. E você gosta da comida daqui?”, falei “Gosto, gosto, não é ruim não”, “Tá bom. Ta comendo bem?”, “To, to comendo tranquilo”, “Então põe na sua cabeça, se você comer bem, você sai daqui. Se você não comer bem você não sai daqui. Você não sai”. Porque a tuberculose é o seguinte, você tem de tá com a resistência, o corpo... Mas o remédio, não adianta tomar o remédio, só remédio, se não comer. Porque na realidade, principalmente esse etambutol é um comprimido, ele atacava muito o fígado. E a hidrazida também, você engordava muito, engorda muito a hidrazida. Incha, no caso, não engorda, incha muito, o fígado sente muito. Então você tinha que tomar colagogo, esses remédios amargos... Então lá era um barato. Então o pessoal colocava muito boldo. O boldo era um remédio que... E na realidade esse colagogo é um boldo mais trabalhado. Já passa por um processo mais...

Entrevistador: É, como se fosse boldo.

Gilberto de Souza Rangel: É, é mais gostoso um pouco que o boldo. Mas o pessoal plantava boldo praquela região toda ali. Embaixo daqueles bambuzeiros plantava boldo, porque boldo dá em qualquer lugar. Tinha cara que era alcoólatra, então o que eles faziam; arrumava pinga, pegava boldo, socava com pinga, tomava boldo com pinga. Direto, tomava direito. Outros roubavam litros de álcool...

Entrevistador: Tomava com boldo.

Gilberto de Souza Rangel: Aí entenderam, dava mole, porque passavam álcool pra dar injeção. Deixava o cara, passava a mão no litro. Tinha vinte caras “Ei, olha o diabo, olha quem pegou?”, todo mundo ficava calado, ninguém falava nada. Chegava a noite, pegava suas caneca, cada um tinha sua caneca. E ela pegava o boldo, macetava, entendeu? Fazia caipirinha de boldo, era álcool com boldo. Você tinha de tudo...

Entrevistador: E como era a rotina lá? O senhor ficou seis meses, como que era essa rotina ai de tratamento, tinha alguma coisa que distraia vocês...?

Gilberto de Souza Rangel: Tinha... Ó, a distração era... Você tinha que fazer por cima. A gente gostava de ler, o outro gostava de fazer alguma coisa, outro fazia umas coisas pra vender, algumas... Ou pegava assim uma garrafa... Enfim, o mesmo que esses caras de rua fazem por aí. Tem uns artesãos aí que fazem. Eu gostava de ler, então pegava um livro, ia ler e tal. Mas exercício, realmente, exercício físico não podia fazer, então não sei, era tudo parado, era um tipo de negócio que era só... Eu nunca tive propensão pra engordar, mas aquele problema: você tem que ficar a toa na realidade. Era cama, você lia alguma coisa, e o dia todo conversar com alguém e tal, entendeu? Agora...

Entrevistador: Tinha muita gente ali?

Gilberto de Souza Rangel: Tinha, tinha bastante gente. Tinha muita gente.

Entrevistador: E o contato era normal...?

Gildeberto de Souza Rangel: Ah, normal, não, o contato era normal. Era todas alas, só as divisões de mulheres era outra ala. Primeira ala, que dá mais pra Avenida São João. Avenida São João não, aquela...

Entrevistador: Nove de julho?

Gildeberto de Souza Rangel: Nove de julho. Na Nove de julho, é. Era o pavilhão das mulheres, e tinha uma igreja, tudo lá, tinha uma capela, tudo ali.

Entrevistador: Não tinha nenhum contato entre homem e mulher, ou lá... Tinha as paqueras...?

Gildeberto de Souza Rangel: Tinha, ah tinha! Ah não, isso sempre tem, isso sempre tem, homem e mulher, é difícil. Até pelo bambu, o cara faz um... Ele olha pelo bambu como se fosse um binóculo. Tem, sempre tem. Isso tinha, entendeu? Quando não tinha com a paciente, tinha com a enfermeira. Era difícil, onde tem... Era difícil. Sempre tinha sim, tinha bastante, tinha.

Entrevistador: Muitos casais se formaram ali então?

Gildeberto de Souza Rangel: Olha, isso eu não sei. Isso eu não posso falar pra você, mas muita paquera houve. Houve muita sim. Principalmente na hora do recreio, na hora das visitas. Tinha gente que quando a mulher vinha visitá-lo, ele visitava a mulher, lógico, ficava junto com ela o tempo todo. Dava quatro e meia ela ia embora e ele ia lá conversar com a enfermeira. Isso existia, isso ai sempre existiu bastante. É, até participei também disso ai, também participei nisso e tal. Era a vida que tava ali. Agora, era uma vida monótona porque você não pode fazer exercício nenhum, é complicado. Você tem que ficar o máximo tranquilo, sem fazer exercício. Então era uma vida assim, como diz, tranquilo mesmo, normal. Agora, tinha muita gente, você conversava, tinha gente que era da roça, tinha gente que era da cidade, tinha cara que era fazendeiro, tinha outro que era bem de situação, tinha outro que era pior de situação. Mas no fundo, no contexto ali, ficava todo mundo no mesmo esquema, quer dizer, a doença... Ela ensinava que a doença tanto faz mal pro rico como faz pro pobre.

Entrevistador: Sim, com certeza

Gildeberto de Souza Rangel: E todo mundo fica no mesmo barco, um querendo ajudar o outro, e não consegue.

Entrevistador: Tinha muita solidariedade lá, vocês se ajudavam...?

Gildeberto de Souza Rangel: Tinha, um ajudava quando o outro passava mal e todo mundo corria, entendeu? Tinha, tinha isso sim. Quando não dava, o outro... Não dava pra pegar alguma coisa, saía correndo com a pessoa que tava passando mal, entendeu? Tinha, isso tinha sim. Tinha essa parte aí era tranquila, não tinha problema nenhum não. Agora, a vida era aquela que você levava, (?) de remédio, todo mês você tirava chapa, pra saber como é que tava a situação, se tava evoluindo a doença, tava regredindo. É, isso era feito sempre.

Entrevistador: E no caso a doença do senhor, ela não progrediu assim, com contato com outros tuberculosos?

Gilberto de Souza Rangel: Não, então, quando você começa a tomar o remédio, iguala todo mundo, sabe? Porque a tendência do remédio é matar o bacilo. Então se você chega lá muito carregado, como tinha muita gente, principalmente que a tuberculose, foi constatado que ela dava muito em lugar muito quente. Por exemplo, Santos, tinha bastante gente de Santos, gente do Rio de Janeiro... Lugares de praia, porque tem muito mofo, sabe? E a tuberculose, ela gosta de lugares assim. Ela não gosta de lugar frio, muito frio ela não gosta. Tanto é que lá nós dormíamos com tudo aberto. Você olha pro Vicentina Aranha, não tem aquela área? Pode olhar.

Entrevistador: Ali no hall, na entrada?

Gilberto de Souza Rangel: Na entrada, parece assim, vamos dizer, uma varanda? Aquele varandão? Então, ali só tinha... Era tudo aberto. Os biombos que a gente ficava na enfermaria, o vento era...

Entrevistador: Corrente.

Gilberto de Souza Rangel: Corrente, era tudo corrente, pra não deixar mofo, esse negócio. Então a doença dava muito nesses lugares, no Rio de Janeiro dava bastante, Santos, essa região de praia, muito mofo, esse troço dava em bastante gente. Era o que dava mais. Caraguá... Tinha bastante. Agora aqui de São José mesmo, que moravam aqui, são poucos. Tinham, mas eram poucos, não era assim, entendeu?

Entrevistador: Sim. E a família do senhor, quando ficou sabendo que o senhor estava tuberculoso?

Gilberto de Souza Rangel: Ah, foi um choque.

Entrevistador: Foi um choque...

Gilberto de Souza Rangel: Foi, é. A minha esposa, que nós éramos três, éramos em três, então levou um choque, tal, pensou que não... Ai teve que fazer exame também, as meninas foram todas fazer exame pra ver se tinha alguma coisa. Se tava... Porque a gente tinha contato e não sabia, lógico, entendeu? Então, esses dias mesmo eu estava gripado e fui à Unimed, e conversando com o médico já de idade também, ele dizia que um regresso do Brasil, que não é um país totalmente, que passa algo de qualidade, tirar a abreugrafia do contexto do operário. Isso é um retrocesso tão grande que não é possível um negócio desses. "Ah, mas tem cura". Sim, tem cura, tem cura quando pega. Porque a tuberculose na época ela fica incurável. Você também da sorte se você não é alérgico ao remédio. Então tem esses casos, muita gente tomava o remédio e não curava, e não podia tomar mais porque tava dando alergia, tava dando muitos problemas no fígado, grave. Então quer dizer, curava tuberculose, morria de hepatite ou doença parecida. Então quero dizer, é muito complicado. Então é uma doença que normalmente que dá no pulmão, 99% da no pulmão, mas dá em outros órgãos também. Mas normalmente vem pela respiração. E a abreugrafia tiraram, quer dizer, falou um nordestino por exemplo, o médico mesmo falando esses dias com um nordestino, "a gente tá doente, morre de tuberculose e eles falam que é pneumonia", é mais fácil falar que é pneumonia, que a pneumonia é

uma doença rápida. Mas não é, às vezes o cara ta tuberculoso, não sabe, não fez um tratamento porque não descobriu e os médicos não estão mais preparados pra esse tipo de coisa.

Entrevistador: Pra fazer... Olha... É uma doença tão, que afetou tanto.

Gildeberto de Souza Rangel: É. Você vê, eu lembro até em Itatiaia, voltando de Itatiaia na minha terra, na cidade do Rio, eu conheci casas que morria o cara eles queimavam a casa toda, queimava tudo! Colchão, tudo, queimava tudo. Porque aquilo ali era um lugar de peste. Era uma peste que tinha ali, aquilo podia pegar em qualquer um, entendeu?

Entrevistador: Olha isso... Itatiaia, eles tratavam tuberculosos civis também, não? Ou era só...?

Gildeberto de Souza Rangel: Depois tratou também.

Entrevistador: Tratou os civis.

Gildeberto de Souza Rangel: Depois, daí então, aí o INSS era muito caro, passou pro sistema que hoje tá, e dá os remédios nos ambulatórios, da os remédios pra você curar em casa. Porque na realidade o remédio é muito eficaz, você pode ta doente e começar a tomar hoje, daqui uma semana faz um exame... Ta bem, já não ta nem transmitindo mais a doença, entendeu? Então é uma doença, mas é aquele negócio, tem de pegar, saber que ta doente. Não confundir com pneumonia, outras doenças, uma gripe forte, uma... Vamos dizer ai, uma doença que o cara começa a tossir, então só isso é "Ah, uma gripe forte, deu pneumonia, o cara morreu". Mas não é isso.

Entrevistador: Não, não mesmo.

Gildeberto de Souza Rangel: Não, não, quero dizer, existe isso ai, existe na realidade, então o mal foi tirar a abreugrafia.

Entrevistador: Sim, o exame.

Gildeberto de Souza Rangel: O cara que inventou isso, o médico é Abreu, não sei Abreu o nome, é o brasileiro, e não ganhou nem nada, ninguém fala no cara. É um cara que salvou milhões de pessoas.

Entrevistador: Sim.

Gildeberto de Souza Rangel: Tava comentando, conversando com esse médico, esse pneumologista aqui da Pronval, "Salvou milhões de pessoas, não dão valor, tiraram... Entendeu? Como se fosse isso ai..." Agora, tirou também, ele fala, tem outro lado, começaram a explorar. Quero dizer, aquilo também naquela época, virou um estilo de... Meio bagunçado. Por isso que às vezes tiraram.

Entrevistador: Sim, virou investimento.

Gildeberto de Souza Rangel: É. Agora, no Vicentina Aranha era isso ai. O tempo que eu passei era remédios, três remédios que tomavam, era a chapa do pulmão que tirava, comer bem...

Entrevistador: O senhor falou que a família tinha propensão pra tuberculose... Mas algum ficou tuberculoso e chegou a se tratar em sanatório?

Gilberto de Souza Rangel: A minha família tinha tendência. Não, o único que foi de sanatório fui eu. Meu pai se tratou em casa, o meu outro irmão se tratou em casa, os dois irmãos se trataram em casa, e meu pai também.

Entrevistador: Então não teve, da parte dos irmãos, não teve nenhuma... Porque assim, a gente entrevistou uma senhora, e o pai dela foi tuberculoso e veio se tratar no Vicentina Aranha, então ela falou que a família largou, por conta desse estigma que a tuberculose carrega.

Gilberto de Souza Rangel: É, não, existia sim.

Entrevistador: A família do senhor sempre teve presente...?

Gilberto de Souza Rangel: Não, não sempre. Nós morávamos numa cidade que é estritamente tuberculosos.

Entrevistador: Olha isso...

Gilberto de Souza Rangel: Entendeu? E o pessoal que cuidava eram pessoas sãs, não eram doentes, e muitas vezes não ficavam doentes, outros ficavam, outros não, entendeu? Eu tenho uma tia, por exemplo, Beatriz, que já faleceu há muitos anos, ela era enfermeira, ela trava os tuberculosos.

Entrevistador: Ela tratava...

Gilberto de Souza Rangel: Tratava, tinha contato direto. Tuberculoso grave mesmo, estado muito adiantado, de tuberculose. E não ficou tuberculosa, entendeu? Morreu de infarto, mas foi muitos anos depois, entendeu? Então é aquele negócio, a vida da gente tem coisas que a gente não entende.

Entrevistador: É, não consegue...

Gilberto de Souza Rangel: Não tem explicação lógica pra aquilo. A genética existe sim, claro que existe, mas tem coisas que...

Entrevistador: E ela foi a (?) só aqui?

Gilberto de Souza Rangel: É, e justamente. E podia ter ficado lá em Itatiaia e não fiquei doente lá.

Entrevistador: Sim, cheio de contatos e...

Gilberto de Souza Rangel: É aquele negócio. Agora, diz que a tuberculose, o bacilo de Koch, que chama bacilo de Koch, esse bacilo, a gente já nasce com ele. Então ele fica como se fosse... Parece muito um palito de fósforo, um estilo assim... Então ele fica encolhido ali dentro do organismo. Quando você ta bem ele ta encolhido. Quando você dá uma fraquejada qualquer, não come direito, usa droga, enfim, todos esses... Que vai depauperando o sistema, ele vai encompridando, e vai atacando. Então ele pega a hora que você tá mais fraco. E eu, por exemplo, da

infiltração, foi o seguinte: Eu trabalhava na Eaton, no ar condicionado, e o doutor Jorge Zarur dizia o seguinte: “A pior coisa do mundo é ar condicionado, porque não vale nada, isso ai não vale nada.” Ele falava por que “Porque o ar condicionado, você dificilmente, você se prepara pra sair fora do ar condicionado” Ninguém se prepara. Se chama lá, estiver no ar condicionado, você sai correndo vai atender, ta nem ai. Do banco então, meu deus. Isso aí, quando você sai de um ambiente de ar condicionado, um ar frio, gelado, para um ar normal, você tem de ficar um tempo respirando devagarzinho, fazendo um tipo de um exercício pra entrar, porque senão, se você “... Ai, to cansado desse ar aí” Aquilo ali atravessa o pulmão como se fosse uma flecha, aquele ar. Aí dá infiltração, essa infiltração, dentro do pulmão ele infiltra.

Entrevistador: Olha isso... Foi por causa disso.

Gilberto de Souza Rangel: Ai veio o problema da infiltração do pulmão.

Entrevistador: E quando o senhor saiu do sanatório, o senhor já saiu curado né?

Gilberto de Souza Rangel: Não! Não.

Entrevistador: Ah então o senhor (?) em tratamento?

Gilberto de Souza Rangel: Fiquei dois anos.

Entrevistador: Dois anos?

Gilberto de Souza Rangel: Dois anos de tratamento, após a saída. Seis em tratamento lá... A única diferença é que tiraram a estreptomicina, que tomava direto lá, mas o etambutol e hidrazida continuou, entendeu? Continuaram os dois comprimidos, continuaram tomando. Continuei tomando. Dois anos. Até quando eu tinha aqui na carteira, até quando eu fui... Me encostei, por invalidez. Tá lá invalidez permanente. Mas eu era novo, eu tava com quarenta e poucos anos. “Ah, to bem”, aí eu peguei e fui lá no INSS. O médico falou “Então a partir do mês que vem você vai começar a receber uma invalidez permanente” Eu falei “Doutor, não da pra dar baixa nisso ai não?” “Dá, você queria trabalhar né?”, falei “É...” Ai deu baixa. Deu baixa, ai continuou minha vida trabalhando, aí entrei na prefeitura... Minha vida foi outra história. Mas, aquele negócio, fiquei dois anos mesmo em tratamento, tomando remédio.

Entrevistador: Mas não com, por exemplo, lá o senhor ficava o tempo todo deitado, ai já podia...

Gilberto de Souza Rangel: Ah, aí sim. Aí não, aí já podia.

Entrevistador: Uma rotina...

Gilberto de Souza Rangel: Aí sim, já não usava muito. Aí também dava uma preguiçinha na gente, sabe como é que é. Mas já andava, já podia andar e tal, aí depois foi indo, foi indo, foi indo, aí já entrei no esquema de jogar bola, aí entrou uma vida normal.

Entrevistador: Sim... E não teve nenhuma...

Gilberto de Souza Rangel: Recaída?

Entrevistador: É, ou também nenhuma... Não sofreu nenhum preconceito, por exemplo, por...

Gilberto de Souza Rangel: Não, preconceito nenhum. Preconceito não. Entendeu? Porque na realidade, tuberculose... Eu vou te contar, tem essa história de tuberculose e depois você vê a... Eu passei por uma história interessante na vida, porque depois de sair do Vicentina Aranha fui trabalhar, etc. E fiz um concurso na prefeitura, isso muitos anos depois em 95. O que que aconteceu: fui trabalhar no pronto socorro da Vila Industrial. Ai começou naquela época muito do HIV, e o HIV, a tuberculose para o HIV é a doença que mata mesmo. O HIV com tuberculose não tem jeito, entendeu, é caixote mesmo. E lá eu via que tinha muito preconceito, mais até que a tuberculose. Porque o HIV foi a doença que na época era... O isolamento era comum do tuberculoso, porque é contato. É contato direto o copo, o espirro, enfim, é muito difícil você sair fora de uma pessoa que ta com tuberculose, é difícil, porque é um contato que você... É difícil um copo, que você dá um espirro, entendeu? Uma tosse que você não põe a mão na boca ele esparrama todo, enfim. Agora o HIV não, HIV é coisa de cada um, mas o preconceito era grande, era muito maior. E eu quando trabalhava na farmácia, e analisava entre a tuberculose e o HIV. A minha época de tuberculose e a época de HIV. O HIV era mais triste de se encarar, as pessoas encararem o outro, é difícil, tinha medo realmente. Mas a tuberculose, a pessoa achava que não era culpa dele.. E o HIV era uma doença que todo mundo achava que era culpa dele, ele podia evitar. Então era diferente, então esse era o preconceito que muitas vezes falava, mas era... Eu achava aquilo como normal até. Era um preconceito...

Entrevistador: Às vezes os cuidados tinham esse formato de preconceito, de não dar... Eu lembro que muita gente que passou aqui falou que tinha bailes que tinham copos separados. “Ah, se o cara é tuberculoso é essa caneca aqui.”

Gilberto de Souza Rangel: É, e naquela época por incrível não tinha copo descartável, era ainda pior. O cara passava um copinho desses, dava uma lavadinha lá e mandava (?) tomar cerveja. O cara não tava nem aí. Agora o HIV era diferente. Você via as pessoas ali no pronto socorro, a gente via que “Caramba”. Eu lembro até hoje, tinha uma moça que ela pegou HIV de Taubaté, ela é de Taubaté, e ela ficou internada em São José porque veio aqui em São José fazer um programa, ela era menina de programa. E passou mal, aí foi internada no pronto-socorro na Vila, e o pessoal dela é de Taubaté. E ela dizia... Ela ficou muito magra, ficou igual a esse negócio “magro pra caramba”, entendeu? Aí um dia eu perguntei pra ela assim “E quando você sair daí? Que que você vai fazer da vida?” Ela dizia assim “Vou passar pros outros, ué, não passaram em mim? Eu vou passar HIV pros outros também.” Agora, o tuberculoso já não pensava assim. Alguns, que nós estávamos comentando de bala, tinham essa bronca, entendeu? Alguns. Mas em regra geral não. Era uma doença que todo mundo tinha medo realmente, era um medo porque já nem era um preconceito, era medo, sabe? Agora, o HIV não, o HIV era preconceito mesmo, do outro assim, entendeu? Porque se pegou é problema dele, entendeu? Isso existia. Mas a tuberculose na realidade foi muito mais grave e muito mais difícil de descobrir o remédio do que HIV. O coquetel foi rápido até, por sinal. Foi muito rápido. Eu esperava que não ia descobrir tão cedo assim, rápido como foi. Em 1945, na Segunda Guerra Mundial, no Brasil não existia ainda a estreptomicina. Depois de 52 que começou a chegar. Imagina você quantas pessoas morreram, entendeu? Quantas e quantas

pessoas morreram. E era aquele negócio, e pegava muito... Itatiaia é uma cidade que até os militares brincavam que o cemitério de Itatiaia era um cemitério que tinha mais soldados mortos que a Segunda Guerra Mundial. Eles brincavam com isso aí, sabe? Porque quando ia desenterrar, você precisa ver, era coturno, era roupa verde-oliva, camiseta branca, tinha um monte, entendeu? Era um monte. Parecia que era um local só de pessoal do exército que tava ali.

Entrevistador: Do exército...

Gilberto de Souza Rangel: Não é? Era uma guerra, que tava sendo enterrado, entendeu? E não era, era tuberculose que era enterrado ali, e tinha bastante, morria muita gente.

Entrevistador: O senhor não chegou a conhecer Campos do Jordão não, né?

Gilberto de Souza Rangel: Não. Então, não, não fui. Então, quase eu fui pra lá, aí esse doutor falou pra mim se eu quisesse ir pra Campos do Jordão, falei "Não, não, não, quero ficar aqui mesmo, no Vicentina Aranha, porque aqui tenho minha família, aqui no Satélite, não quero ir pra lá não." Tinha escolha, porque tinha escolha pra ir.

Entrevistador: Mas o senhor ouvia falar alguma coisa assim da cidade, por exemplo, que a cidade recebia muito bem os tuberculosos, que eles tratavam bem...?

Gilberto de Souza Rangel: Não, nunca me interessei por Campos do Jordão. Aliás, nem pra passear em Campos do Jordão, uma vez só que eu fui, foi no "sei que da Prata" lá, sei que lá, passei lá, mas nunca tive essa... Nunca gostei muito assim de estilo de Campos. Não gosto muito de frio não, sabe, apesar que Itatiaia é frio – a parte da serra – A parte do Vale do Paraíba é igual aqui. Não é frio assim. Mas Campos do Jordão eu sei que o grande incentivador da época foi o Adhemar de Barros, que era o governador, então ele fez todo aquele sistema de tuberculose, foi um grande incentivador de hospitais, Adhemar de Barros.

Entrevistador: E aqui, quando o senhor esteve lá no Vicentina, tinha muita gente de fora de São José?

Gilberto de Souza Rangel: Ah, tinha.

Entrevistador: Tinha?

Gilberto de Souza Rangel: Tinha bastante. Acho que a maioria!

Entrevistador: A maioria.

Gilberto de Souza Rangel: A maioria.

Entrevistador: Alguma personalidade, alguém famoso?

Gilberto de Souza Rangel: Não, no meu tempo assim que eu saiba, não tinha. Pode ser que tinha também, mas isso não era referência lá dentro, importante, sabe? Então você não participava. Não tinha essa... Entendeu? Pode ser que existiu, não vou dizer que não existiu, deve ter gente lá sim, no meu tempo. Mas assim, de você saber, entendeu? Não, porque eu acho que... Por isso que eu digo no início, era tudo

ali, o rico, o pobre, tava tudo no sistema, e tava tudo (?) por baixo, sabe? Então ninguém importava o que que ele era, se ele era general, se ele era médico, entendeu? Ele tava ali em tratamento. E tomava remédio todo mundo igual e, entendeu? E não se falava da vida particular dele aqui fora. “Que que você faz lá fora?” “Sou plantador de café lá no sul de Minas” Eu lembro que um me falou isso. Machado, até a cidade de Machado. “Sou plantador de café lá, tenho uma fazenda de café, eu to aí.” Quer dizer, devia ter dinheiro, porque o café sempre deu dinheiro, então... Mas não entrava em detalhes assim não. Era só simplesmente um tratamento. O tratamento médico em si, entendeu? E mais nada assim que... Entendeu? E o pessoal ali era um (?). A parte administrativa da Dona Urânia, ela ainda existe. Parece, se não me engano, ela ainda mora lá no... No fundo ali tem uma casa, acho que ela mora lá ainda, Dona Urânia. Acredito que ela more ainda. Ela era uma administradora muito boa pro hospital, muito educada, tratava bem todo mundo, era uma pessoa espetacular.

Entrevistador: O senhor foi internado em... Setenta e seis?

Gilberto de Souza Rangel: Setenta e seis, isso.

Entrevistador: Como que é? Porque já não tava mais aquela fase sanatorial, a cidade já tava olhando pro futuro, mais ligado à indústria. Como que era, por exemplo, o senhor tava tuberculoso, tava dentro do Vicentina Aranha, mas a cidade já não respirava mais a tuberculose, ela já tava (?) de uma forma diferente.

Gilberto de Souza Rangel: Ah não... Diferente, por isso que tinha muita gente de fora, tinha muita gente de fora, entendeu? Aliás, também na época anterior, deve ser, as pensões era pra isso, pro pessoal de fora. Então tinha muita pensão porque vinha muita gente de fora. O Vicentina Aranha foi criado mais assim pra... Num estilo de governo pra tirar uma exploração, às vezes, de pensões, que cobravam muito caro. E o instituto melhorou. Porque o Brasil, apesar de muita coisa ruim, existem muitas coisas boas também... Tem bons hospitais. Existe. Não todos, mas existe. Eu, pra mim, o Vicentina Aranha foi uma época... Eu devo muito ao Vicentina Aranha. Então não posso falar mal do Vicentina Aranha, não porque eu não posso falar, porque não deu motivo pra eu falar mal do Vicentina Aranha, no tratamento... Então por isso. Agora, você falou certo, era uma época... Olha, tinha muito mais indústria do que hoje, 76 tava explodindo indústria; Alpargatas era grande, tudo aí... Hoje São José é shopping só, mais nada. Mas antigamente era uma época de emprego, você tinha saído de uma firma entrava na outra. Você saía da Eaton ia lá na Johnson. Você começava a trabalhar. Você ia na Monsanto, começava a trabalhar. Você ia na Kodak, tudo ali... Hoje tudo é um, é o Carrefour ali, é o Walmart ali, entendeu? Quer dizer, Embraer dando férias pra todo mundo, entendeu? A cidade de São José eu acredito que na época era industrial mesmo. E a tuberculose não era mais. Nem de estância, que foi uma época ai de estância. Isso ai...

Entrevistador: Já tinha passado...

Gilberto de Souza Rangel: É, tinha passado muitos anos, entendeu?

Entrevistador: Sim, mas tinha muito tuberculoso ainda?

Gilberto de Souza Rangel: Tinha. Não! O pessoal tinha bastante, principalmente de Caraguatatuba, Ubatuba, São Sebastião, Santos, estado do Rio. Tanto é que pra ser estado do Rio, depois, que você tava comentando, que lá tinha um sanatório pra civil, passou. E esse mesmo militar, quando começou o tratamento em casa, eles mandaram o soldado tratar em casa também. Os militares tratando em casa, e lá ficou o sanatório só para pessoas sem recurso nenhum, que não podia. Morava embaixo da ponte, ia fazer tratamento aonde? Então tinha que ir pro sanatório, entendeu? Então lá ficou um tempo, hoje... Aí depois o exército tomou de novo. O exército tomou e hoje é um hotel, um hotel de trânsito, chama hotel de trânsito. Os militares, vamos dizer, querem dar uma passadinha, ficar lá no hotel, entendeu? Mas lá era... Agora, lá... Aqui também, aqui é o seguinte, até um animal era tuberculoso. Até os animais. É, os cavalos que puxavam, entendeu? Por isso que é muito rigoroso tudo, por exemplo, as lavagens, resto de comida eram todos queimados num forno lá, não jogava direto. Não dava direto pro animal não. Porque tinha muito cara que ia lá buscar a lavagem pra dar pra porcos, entendeu? Então tinha lá um tipo de um crematório lá, um negócio lá, que queimava aqueles troços todo lá, pra depois tirar algum resíduo pros caras levarem. Não era assim direto, um reciclável ali, amarrava e levar não. Era tudo queimado.

Entrevistador: Pra não ter perigo mesmo.

Gilberto de Souza Rangel: É, e interessante que lá no sanatório militar de Itatiaia os cavalos, os burros lá que puxavam carroça eram tuberculosos. Eram tuberculosos também. Eles ficavam tuberculosos. É, você que a doença era terrível, porque é tudo animal forte, cavalo forte, pegava doença. Porco então, não podia, a lavagem que dava era toda fervida, (?) depois esfriada, analisada, depois dada pros porcos. Aquilo é porco tuberculoso adoidado. Era uma doença terrível, na época era difícil mesmo. Era uma doença... Todo mundo tinha medo. Era medo realmente.

Entrevistador: O senhor teve contato com outros sanatórios aqui de São José?

Gilberto de Souza Rangel: Não.

Entrevistador: Mas sabia que existia...?

Gilberto de Souza Rangel: Sabia, sabia que existia em Campos do Jordão, sabia que existia sim. O sanatório que eu soube mesmo era o Vicentina Aranha.

Entrevistador: É engraçado né, porque o senhor conviveu muito com a tuberculose, tanto numa cidade que tratava e depois como tuberculoso num sanatório e tal, mas tudo bem bacana.

Gilberto de Souza Rangel: É, porque em Itatiaia era o fim da picada, lá você não tinha remédio. Os remédios eram dormir e comer bem, mas nem todo o dia o cara... Mas a tuberculose era uma doença que ela tira a fome totalmente. Tira, tira a fome totalmente. Pra você ter uma ideia, antes de fazer esse exame com o Doutor Jorge Zarur, que ele constatou essa infiltração, eu saí da Eaton em 76 mesmo, saí da Eaton e fui fazer um exame lá no Sindicato dos Metalúrgicos, ali aonde é a Diamantes, rua não sei que Diamante, ali. Um médico lá falou pra mim desse jeito, "Doutor, eu sinto uma dor nas costas, respira assim dói", falou "Olha, vai tomar esses remédios, esses

antibióticos aí que sara.” Não tirou chapa, não tirou nada, esse do Sindicato dos Metalúrgicos. Aproveitei que era metalúrgico da Eaton e fui lá. “Você sabe, no pulmão tem trezentas doenças, inclusive o câncer”, ainda falou pra mim. “Então, pra você ter uma ideia e depois você volta aí.” Eu fiquei tão irado, falei “Ah, esse cara não adiantou nada”. Não comprei remédio, não tomei, e passando, não sei se foi no outro dia, dois dias depois, aí fui no Doutor Jorge, tirar a abreuografia que era pra entrar nessa fila. Então aí que foi descoberto que realmente era infiltração, entendeu? Então eu achei que... Daí que começou a historinha do Vicentina Aranha, você vê, a abreuografia, a importância... Hoje não tem mais, pessoal não ta nem aí, entendeu? Não tira mais, “Ah, morreu de pneumonia”. Não, não é pneumonia, era tuberculose. Ele não curou, entendeu? E aquilo ali foi pro espaço. Agora o Vicentina Aranha em si foi uma época que eu achei de tratamento nota dez. Inclusive esses dias mesmo, quando fui tirar... Que fui ao médico da Unimed aqui no Pronval, esse mesmo médico falou pra mim “Parabéns cara, olha, falar o que pra você, o pulmão seu ta perfeito” Teve uma hora que ele falou “Ó, esses risquinhos que tem aqui, brancos, ó, aqui, ali, esse era infiltração, esse aqui...” Mas são, igual você machuca e deixa aquela cicatriz. Falei “Tavendo ó, mas é que eu fui bem curado”. Ai falei, “Mas foi o doutor Fumio Tiba, um japonês”. Falou “É, conheci.”, ele conheceu o Tiba também. Ele que me falou até, tava me contando da biografia, esse negócio todo. Mas a doença em si era uma doença muito terrível, viu cara. Eu acho que hoje ninguém liga porque é fácil, apesar que, aquele negócio, o remédio, como ele sempre dizia, “você faça o possível pra se curar da primeira vez, porque na segunda vez o remédio pode ser que não faça efeito.” Porque você sabe que, ao invés do bacilo... Fica mais forte, então você cuide bem, direitinho, da primeira vez pra ganhar ponto, tem que ganhar em cima dele, porque ele falou “A pior coisa é a recaída da tuberculose, porque você fica quase imune, o bacilo, e ele é difícil curar, então ele fica crônico e não sara mais, entendeu? Difícil. Hoje a gente vê aí, ainda tem nas estatísticas umas doença de... Ainda tem muita gente que morre de tuberculose, porque não faz o tratamento. Tratamento é fácil, é grátis o remédio, entendeu? É grátis, mas as vezes é chato.

Entrevistador: É, é um tratamento...

Gildeberto de Souza Rangel: Eram oito remédios por dia, eram oito comprimidos, só de etambutol eram oito, enchia, davam na mão da gente às vezes pegava aquele monte, depois na outra mão ia tomando água de cima, “Ai, foram embora os oito”.

Entrevistador: Oito comprimidos! Nossa...

Gildeberto de Souza Rangel: É, no início eram 16 de etambutol. O hidrazida parecia um sonrisal, desse tamanho assim ó. Hoje é três em um, três em um comprimidinho de nada, entendeu? Hoje é pequeno. Era separado, o etambutol, a hidrazida, era separado. Eram oito, depois de dezesseis tomava... Um mês de dezesseis. Aquilo atacava seu fígado, cara, que aquilo ali você ficava com a barriga dura, meu Deus. Você não queria comer, passava a semana, sem ir ao banheiro, e aí tava tudo parado. Era muito comprimido, pô. Eu tinha engolido um saco de cimento rapaz. Aí você tinha que tomar esse colagogo aí, esse que era pra melhorar o fígado, começar a dar uma melhorada, o intestino começar a melhorar. Aí você vê que o corpo humano é uma máquina perfeita. O bicho aí entrava no eixo ali, sentava normal, no esquema, já melhorava um pouco, barriga já não tava muito dura, já tava melhor, então aí você

começava. E tinha até... Você vê, hoje em dia é o contrário, hoje em dia as mulheres querem ficar magras. Tudo magrinha, tudo esquelética. Isso pra tuberculose é o fim do mundo, isso aí não pode, você tem de ser forte, você tem que ter gordura pra aguentar o tranco. É o contrário. Se você for um magrelo só sem banha a tuberculose te leva pro espaço, porque... Então, a balança... É tudo ao contrário, você vê, dia de pesar na balança “Sessenta quilos, puxa vida, mas o mês passado pesei 60 cara, devia pesar ao menos 62”. Quando você tava engordando você tava sarando, quando você tava emagrecendo você tava piorando. Tava ruim, não tava legal. Entendeu como que era a doença rapaz?

Entrevistador: E os médicos ficavam em cima o tempo todo.

Gilberto de Souza Rangel: “Come, come, vamos comer, vamos comer”

Entrevistador: Você teve contato com quais médicos lá?

Gilberto de Souza Rangel: Eu tive com... O máximo com o Doutor Fumio Tiba. É porque ele era da minha ala realmente. É, mas tinha um outro também que eu não recordo o nome dele. Ele também as vezes que era mudança de plantão e aparecia lá, entendeu? Mas o Fumio, esse ele tratava da minha ala mesmo. Era japonês esculachado, sabe como que é, japonês é daquele jeitão dele lá, entendeu? Mas era boa gente, ele chegava, “como que é, tá tudo bem, tudo bonito aí, passou bem a noite?” E tal, aí “Vamos olhar sua chapa. Ih rapaz, não melhorou nada, tá igual. Você não tá bom não, ein” Ele falava. Aí já punha aquele jeitinho “Que que tem que fazer, doutor?” “Nada, continua aí com remédio aí tomando e...” “Quando é que eu vou sair daqui, doutor?” Ele falava “Eu sei lá que dia que é. Eu não sei não”. Entendeu? Ele falava assim. De vez em quando a gente perguntava pra enfermeira “Ué enfermeira, como é que tá a minha condição aí, pô?!” Porque não deixava a gente saber, pra não ficar aquela... Ficar na ansiedade. Aí a enfermeira era boazinha e tal, olhava “Ah, melhorou um pouco seu Jil, não tá... Ó, melhorou” “E melhorou um pouco ou não melhorou nada?” “Ah, melhorou um pouquinho aí, tá melhor sim e tal”. Aí você já ficava mais animado. Mas quando chegava o médico pra fazer o exame mesmo, ele dizia “Tá, olha, pode melhorar mais isso aí, esse negócio aí, entendeu? Não tá gostando do bife, o bife tá duro, não tá querendo comer o bife né?” Não sei que e tal, aquele... “Não gosta de macarrão?” Então você comia tudo que vinha, o que vinha você mandava pra dentro...

Entrevistador: A família ia visitar o senhor todo dia...?

Gilberto de Souza Rangel: Quinta-feira, toda quinta-feira.

Entrevistador: Todas as quintas...

Gilberto de Souza Rangel: É, quinta-feira. A minha esposa ia visitar, toda quinta-feira. É, ia visitar. Os dias de visita eram as quintas-feiras, e domingo também. É, domingo era dia de visita. Foi uma época que a gente não esquece. Os amigos que a gente fez assim na época...

Entrevistador: Sim, imagino.

Gilberto de Souza Rangel: Você conversava com um, conversava com outro, entendeu? Cada um com seus problemas. Era gostoso, mas o sanatório é um lugar, assim, muito... Não era de... À primeira vista era ruim, mas depois que você entrava, pegava aquele estilo, aí você... Tinha cara que não acostumava mesmo. Tem gente que não acostuma com nada, nada tá bom, isso tem sempre. Ta sempre metendo o pau, “isso aqui não presta”, entendeu? Mas faz parte, faz parte da vida.

Entrevistador: Que bacana ein cara... Acho que tá de bom tamanho, a gente vai explorar bastante...

Gilberto de Souza Rangel: A doença, eu acho que essa doença, ela ensinou uma época, também. A você ter medo das coisas. Hoje em dia o cara não tem medo de nada. Quer ver? Não tinha droga... Imagina se tivesse a droga então, como tem hoje. A tuberculose tava a mil por hora, porque todo mundo compartilhando de tudo aquilo, então... Agora, esse negócio que nós estávamos comentando, a zona que (?) anda, então era o seguinte. Tinha o Anísio Abrão, que ele era da escola... Já ouviu falar? O Anísio Abraão era dono de escola de Samba do Rio, ele era acho que do Beija-flor. Ele tinha muitas casas de prostituição no estado do Rio inteiro, sabe? Esse cara. Então, em Itatiaia tinha Bossa nova - chamava de Bossa nova o local - e esses militares, eles ganhavam bem, porque eles pegavam (?) o dinheiro. Eles não gastavam nada, e iam gastar lá. É rapaz. Mas tinha muita gente doente, então virou um local assim de... Muita gente tinha medo mesmo. Era paranaense, era cearense, enfim, do Brasil inteiro. Todo mundo era tuberculoso, então a mulherada ali ficava muito com medo, daquele estilo de vida que elas levavam, entendeu? Então o que acontecia... Aí, os caras eram tão safados que... Existia umas bichas. Então as mulheres começavam a correr dos caras, por causa da doença. Então os caras foram (?) das bichas. (?). E tinha um cara, que ele é velho em Itatiaia, ele tem uns 78 anos de idade, e ele era daquela época, era uma bicha velha pra danada. Olha, e esse cara, sem mentira nenhuma, esse cara, ele fazia na casa dele, ele atendia soldado de fila, de gente. Esse cara. E não ficou doente. Você viu como é que é o negócio. Tem coisas que a gente não entende. Não entende, cara, não entende. A natureza humana é um negócio que às vezes... Tem cara que é imune a certas doenças...

Entrevistador: Exatamente, a gente viu muito isso lá em Campos do Jordão. A gente coletou alguns depoimentos lá e os depoentes falavam “Ah, eu lidei com tuberculose lá no sanatório, direto, e não fiquei doente”.

Gilberto de Souza Rangel: É, e tem outros que só de passar perto já pega. É interessante isso aí. É questão de... Não tem lógica, não há uma lógica nisso aí, entendeu?

Entrevistador: Há uma certa resistência, não sei, anticorpos...

Gilberto de Souza Rangel: É, são pessoas que tem uma... Tem outros que já são mais... Já tem propensão pra doença. Eu por exemplo tenho propensão pra doença, entendeu? E a minha filha fez teste e tem também, entendeu? Que hoje tem testes que você faz de imunidade, tem propensão. Quer dizer, e outros não têm nada.

Entrevistador: Opa, bacana. Pra gente encerrar o senhor pode só falar o nome inteiro do senhor, onde o senhor nasceu e o ano que o senhor chegou em São José? Daí a gente... Só pra uma bibliografia.

Gilberto de Souza Rangel: Então, meu nome é Gilberto de Souza Rangel, nasci em Itatiaia, na época que Itatiaia era município de Resende, entendeu? Eu nasci dia 24 de maio de 1941.

Entrevistador: E o senhor trabalha...?

Gilberto de Souza Rangel: Não, não, hoje eu sou aposentado da prefeitura, sou aposentado, doze anos aposentado. Ah, então, cheguei em São José em 1971. Entrei na Eaton em 71. Aí sai em 76, aí comecei aquela vidinha de sanatório em 76.